

A África fala ao Brasil no Fronteiras do Pensamento

Por Sonia Montañó

O médico ginecologista congolês Denis Mukwege aproximou a África do Brasil numa noite em que a solidariedade falou mais alto. A conferência pronunciada na noite de ontem, dia 28 de junho, teve como debatedor o deputado federal Marcos Rolim, com longa trajetória em instituições internacionais de Direitos Humanos. Sem a pretensão de falar em nome de todos os africanos, o conferencista abordou o assunto proposto sob três ângulos: humanitário, médico e dos direitos humanos e democracia.

Segundo Mukwege, a África vive um profundo dilema. Está entre duas civilizações, suspensa entre dois mundos. O continente se situa entre o desenvolvimento e a autossuficiência, entre o progresso autônomo e a dependência. Essas dialéticas estão presentes no cotidiano africano, deixando o continente aparentemente entre duas forças: a tradição e a modernidade. Alguns se polarizam numa ou na outra, mas, para o conferencista, a África só pode ter uma saída entre as duas correntes, buscando caminhos de colaboração com o resto do mundo. Esses dilemas não podem ser entendidos fora da história, uma chaga profunda e dolorosa, que passou pela escravidão, o colonialismo e o ser disputada pelos países da guerra fria. Quanto à recuperação da independência, a África sofre da perda de interesse estratégico para os antigos aliados. Após a guerra fria, o mundo se voltou para os países do Leste, e países como a República Democrática do Congo, com mais de 5 milhões de mortos e mais de 500 mil mulheres vítimas de violência sexual, estão à margem da preocupação da comunidade internacional.

A crise humanitária da África

Entre os grandes problemas da África subsaariana¹, o conferencista destacou:

- A situação da **saúde** é alarmante, sendo que o desenvolvimento depende em ampla medida das condições de saúde das comunidades. Há também febre, tuberculose, paludismo e HIV. A mortalidade infantil também é grande. A África suporta 24% de mortalidade mundial, mas só tem 3% de profissionais da saúde mundial e menos de 1% dos recursos mundiais.

- **Analfabetismo**: o relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) de 2010 afirma que 72 milhões de crianças em idade escolar ainda não estão matriculadas na escola na África. O continente tem índices enormes de abandono e fracasso escolar pelo uso da língua estrangeira. Os alunos não podem usar a língua do cotidiano na escola. Esta experiência traz insatisfação.

- A **fuga de cérebros**: os africanos que acabam seus estudos superiores têm o dilema de migrar ou ficar. Muitos não permanecem no continente.

- O **poder** na África tende a ser aceito como inato e transmissível de forma hereditária. Nessa lógica monárquica são escolhidos os presidentes, que em três

¹ Da região sul. O deserto do Saara, com os seus cerca de 9 milhões de quilômetros quadrados, forma uma espécie de barreira natural que divide o continente africano em duas partes muito distintas quanto ao quadro humano e econômico. Ao norte encontramos uma organização socioeconômica muito semelhante à do Oriente Médio, formando um mundo islamizado. Ao sul temos a chamada África Negra ou subsaariana.

países da África são filhos dos presidentes anteriores que ficaram até morrer. A democracia não funciona assim, o poder é escolhido e deve prestar contas.

Não há democracia sem **direitos humanos**. Poucos países reconhecem a dignidade - inerente da pessoa. São raros os que garantem para todos as mesmas chances.

Ajuda humanitária

Para Denis Mukwege a ajuda humanitária deve ser questionada quando passa o tempo e os problemas estão longe de ser resolvidos. Ciclos sem fim de doença e de pobreza levam a pensar que os africanos são pobres justamente por causa dessa assistência. Quando o índice de ajuda alcançou seu ápice, o índice de pobreza aumentou.

Ajuda humanitária deve agir em situações de calamidade ou guerra e a ajuda deve ser incondicional e desinteressada; universal, imparcial, independente e neutral. Quando a ajuda é assistencialista, a crise perdura no tempo e surge o problema do retorno à autonomia dos beneficiários para se tornarem independentes. A ONU tem grandes meios tanto de comunicação quanto militares, mas se observa uma inércia, segundo o africano. Eles enviam pessoas para observar e elaborar relatórios enquanto a violência acontece na frente dos observadores. "Eu não posso aceitar que com 16 mil homens no Congo, a ONU não encontre uma solução para a violência..

O cuidado integral da vida

O médico lembra que quando uma mulher chega ao hospital porque foi violentada é atendida fisicamente sim, mas precisa ser ouvida. "Quando tratamos o doente devemos ir além do orgânico. O grande erro seria, nos casos que não apresentam problema físico, dizer que não há problema algum, que pode voltar para casa. Quando a pessoa vem nos ver quer que se preste atenção nela, deve ser escutada", disse Mukwege.

Encontro com o presidente Lula

Perguntado sobre o encontro que o conferencista terá com o presidente Lula, ele disse que espera do presidente e dos brasileiros em geral a formação de uma rede mundial para lutar contra a violência contra as mulheres, todo tipo de violência, seja doméstica, sexual ou de qualquer tipo. "Preciso das vozes de vocês, se cada um dissesse não à violência contra a mulher a impunidade cessaria e o estupro, que é uma destruição da mulher, seria punido com muito mais rigor. Gostaria de expressar a todos os presidentes o sofrimento das mulheres congolezas", disse Mukwege.

Mensagem para jovem médico brasileiro

Respondendo ao pedido do público de dar uma mensagem aos jovens médicos brasileiros, Mukwege diz que a mensagem a davam os próprios médicos brasileiros que conheceu na sua estadia em Porto Alegre: "Quando temos um contato com um doente, temos a responsabilidade de ajudá-lo, não só tratar a ferida física, ouvir esse paciente, sustentá-lo na sua dor. Mostrar compaixão, isto aprendi com um médico brasileiro que está aqui na plateia e é esta prática que deve ser exercida: a da compaixão e da compreensão", encerrou o conferencista.